

Le processus de décolonisation semble inévitable. En dépit des tensions et de l'agitation qui règnent dans la colonie, Belges et Africains tentent de se rassurer mutuellement. Ordre, protection des biens et indépendance doivent aller de pair. La proche histoire en décidera autrement.

LE CONGO



6139

LOGOS

Vol.27. Nº03. 2020

55

DOSSIÊ DECOLONIALIDADE E POLÍTICA DAS IMAGENS

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
UERJ

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

REITOR

Ricardo Lodi Ribeiro

VICE-REITOR

Mario Sergio Alves Carneiro

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Prof. Lincoln Tavares Silva

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Prof. Luís Antônio Campinho Pereira da Mota

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Prof^a Cláudia Gonçalves de Lima

DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Prof. Bruno Deusdará

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

DIRETORA

Patrícia Sobral de Miranda

VICE-DIRETOR

Ricardo Ferreira Freitas

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/Rede Sirius/PROTAT

L832

Logos: Comunicação & Universidade - Vol. 1, N° 1 (1990)

- . - Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social,
1990 -

Semestral

E-ISSN 1982-2391 | ISSN 0104-9933

1. Comunicação - Periódicos. 2. Teoria da informação
-Periódicos. 3. Comunicação e cultura - Periódicos.

4. Sociologia - Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio
de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

CDU 007

LOGOS - EDIÇÃO Nº 55 - VOL 27, Nº03, 2020

Logos: (E-ISSN 1982-2391 | ISSN 0104-9933) é uma publicação acadêmica semestral da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e de seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) que reúne artigos inéditos de pesquisadores nacionais e internacionais, enfocando o universo interdisciplinar da comunicação em suas múltiplas formas, objetos, teorias e metodologias. A revista destaca a cada número uma temática central, foco dos artigos principais, mas também abre espaço para trabalhos de pesquisa dos campos das ciências humanas e sociais considerados relevantes pelos Conselhos Editorial e Científico. Os artigos recebidos são avaliados por membros dos conselhos e selecionados para publicação. Pequenos ajustes podem ser feitos durante o processo de edição e revisão dos textos aceitos. Maiores modificações serão solicitadas aos autores. Não serão aceitos artigos fora do formato e tamanho indicados nas orientações editoriais e que não venham acompanhados pelos resumos em português, inglês e espanhol.

EDITORES

Diego Paleólogo, Márcio Gonçalves e Patricia Rebello

EDITORES CONVIDADOS

Fernando Gonçalves (UERJ), Daniel Meirinho (UFRN) e Michele Salles (EBA-UFRJ/Universidade de Coimbra).

PARECERISTAS DESTE NÚMERO

Ana Carolina Escosteguy, Ana Coiro-Moraes, Ariane Diniz Holzbach, Bruno Nogueira, Carolina Libério, Cid Vasconcelos, Edileuza Penha de Souza, Evandro de Sousa Bonfim, Fabián Núñez, Felipe Maunis, Felipe Padilha, Fernando Moraes da Costa, Gabriela Almeida, Giovani Lobato, Janaína Oliveira, Jane Cleide de Souza Maciel, José Messias, Juliana Leitão, Liliane Leroux, Luciana de Oliveira, Ludimilla Carvalho, Luiza Beatriz Amorim Melo Alvim, Marcelo Gomes, Natasha Marzliak, Pablo Assumpção, Raquel Schefer, Rodrigo Carreiro, Maurício Bragança, Thiago Soares, Tobias Arruda Queiroz, Valéria Maria Vilas Bôas, Victor de Almeida Nobre Pires, Vilso Junior Santi e Vinícius Kabral Ribeiro.

CONSELHOS EDITORIAL E CIENTÍFICO

Alessandra Aldé (UERJ), Danielle Rocha Pitta (UFPE), Denise da Costa Oliveira Siqueira (UERJ), Fátima Quintas (Fundação Gilberto Freyre), Henri Pierre Jeudi (CNRS-França), Ismar de Oliveira Soares (USP), Luis Custódio da Silva (UFPB), Luiz Felipe Baêta Neves (UERJ), Márcio Gonçalves (UERJ), Michel Maffesoli (Paris-Descartes/Sorbonne), Nelly de Camargo (USP), Nízia Villaça (UFRJ), Patrick Tacussel (Université de Montpellier), Patrick Wattier (Université de Strassbourg), Paulo Pinheiro (UniRio), Ricardo Ferreira Freitas (UERJ), Robert Shields (Carleton University/Canadá) e Ronaldo Helal (UERJ)

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Revista Logos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Comunicação Social

Programa de Pós-graduação em Comunicação

Rua São Francisco Xavier, 524/10º andar, sala 10.129, Bloco F

Maracanã

20550-013 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Tel: (21) 2334-0757

E-mail: logos@uerj.br

Website: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos>

PROJETO GRÁFICO

Celeste Ribeiro

CAPA

Délio Jasse (obra)

REVISÃO DESTE NÚMERO

Patricia Rebello, Márcio Gonçalves e Diego Paleólogo



SUMÁRIO

8

EDITORIAL

Decolonialidade e política das imagens: tensões e agenciamentos

FERNANDO GONÇALVES

DANIEL MEIRINHO

MICHELLE SALES

17

Contramapeamento indígena: aproximações entre a cartografia crítica e o decolonialismo

Indigenous countermapping: affinities between critical cartography and decolonialism

DANIEL MELO RIBEIRO

38

A retomada crítica da história indígena em *Nuestra voz de tierra, memoria y futuro*

Critical recovery of Indigenous history in Nuestra voz de tierra, memoria y futuro

CÉSAR GERALDO GUIMARÃES

LUÍS FLORES

60

A descolonização do olhar a partir do cinema de Lilian Solá Santiago

The decolonization of the perspective through the cinema of Lilian Solá Santiago

ANDRIELLE CRISTINA MOURA MENDES GUILHERME

DENISE CARVALHO

JUCIANO LACERDA

80

O cinema como cosmopoética do pensamento decolonial

Cinema as cosmopoetics of decolonial thinking

CATARINA AMORIM DE OLIVEIRA ANDRADE

ÁLVARO RENAN JOSÉ DE BRITO ALVES

98

Ruínas futuristas do Cinema Brasileiro Contemporâneo

Futuristic ruins of Contemporary Brazilian Cinema

ANA CAROLINE DE ALMEIDA

119

Altivez e resistência na representação do Outro em Dulce Sudor Amargo de Miguel Rio Branco

Pride and resistance at the other representation in Dulce Sudor Amargo of Miguel Rio Branco

RAFAEL CASTANHEIRA

143

Re-existências decoloniais – a potência dos cliques *Mandume, Boa Esperança e Eminência Parda*

Decolonial re-existences – the strength of the music videos Mandume, Boa Esperança and Eminência Parda

DENISE FIGUEIREDO BARROS DO PRADO

161 Olhares críticos e estéticas periféricas: a produção de *outras* margens no cinema brasileiro

Critical views and peripheral aesthetics: the production of other margins in Brazilian cinema

FERNANDA SALVO

177 K-pop, ativismo de fã e desobediência epistêmica: um olhar decolonial sobre os ARMYs do BTS

K-pop, fan activism and epistemic disobedience: a decolonial glance at BTS's ARMYs

KRYSTAL URBANO

DANIELA MAZUR

MAYARA ARAUJO

AFONSO DE ALBUQUERQUE

194 Um grito de revolta: Notas sobre o discurso midiático afro-pessimista e a narrativa do filme *Death Metal Angola*

A cry of rebellion: Notes on the Afro-Pessimism Discourse and the narrative of Death Metal Angola

MELINA APARECIDA DOS SANTOS SILVA

JUREMIR MACHADO DA SILVA

CRISTIANE FREITAS GUTFREIND

215 #justiçapormiguel: visualidades resolutivas

#justiçapormiguel: resolute visualities

MARINA FELDTHUES

JULIANNA NASCIMENTO TOREZANI

ENSAIOS VISUAIS

236 Memórias do microespaço
Memories of Microspace

PATRÍCIA AZAMBUJA

255 Contracolonizar a memória Guarani-Kaiowá

Countercolonize Guarani-Kaiowá memory

LUCIANA OLIVEIRA

271 Construindo narrativas como dispositivo de re existência

Building Narratives as a Device of Re Existence

LAÍZA FERREIRA

280 O Encontro Etnográfico em *Do Outro Lado do Atlântico*

The Ethnographic Meeting in From The Other Side of the Atlantic

DANIELE ELLERY MOURÃO

MÁRCIO ELÍSIO CARNEIRO CÂMARA

TRADUÇÃO

290 Ler a arte como confronto

Reading Art as Confrontation

DENISE FERREIRA DA SILVA

EDITORIAL

Decolonialidade e política das imagens: tensões e agenciamentos



Délio Jasse | *J'ai le devoir de mémoire* | C-print and Silkscreen | 10x, 120x80cm | 2019

Dentre os muitos agenciamentos que questionam e esgarçam as políticas *neocoloniais* eurocentradas ainda vigentes, parte de um amplo legado colonial, o campo das artes parece oferecer um espaço privilegiado de contestação, reivindicação e quebra de hegemonias.

Em 2020, ano em que este dossiê é pensado e organizado, o assassinato de George Floyd aprofundou a crise social e moral causada pelo capitalismo racial e suas consequências nefastas, gerando uma forte onda de contestação contra o racismo estrutural, contra a brutalidade policial e contra o terrorismo de Estado que avança sem limites sobre as populações racializadas ao redor do mundo todo.

Esta onda de contestação (que é anterior ao assassinato de George Floyd, mas encontra nesse triste episódio um vértice) também estrutura-se fundamentalmente a partir do campo simbólico na cultura visual contemporânea através de certo viés iconoclasta que é preciso aprofundar e contextualizar.

O iconoclasmo exposto pelos novos agenciamentos pode ser percebido a partir do debate público (e do embate físico) em torno da derrubada e da retirada de estátuas, bastante notório ao longo de 2020 no âmbito das manifestações anti-racistas ao redor do mundo. A onda de contestação em torno do movimento “Black Lives Matter” envolveu a derrubada e/ou retirada de monumentos, datas comemorativas e outras celebrações que têm (tinham) como homenageados símbolos, líderes ou marcos que fazem alusão à escravidão, ao roubo e pilhagem coloniais e ao genocídio dos povos ameríndios nativos da “América”.

É nesse contexto que surge o trabalho *J’ai le devoir de la memoire*, de Délio Jasse, artista angolano radicado na Itália que há mais de uma década trabalha a partir do legado colonial a tensão preexistente na (re)constituição de uma memória que está ausente nos discursos oficiais.

Mesmo tendo sido feita anteriormente ao ciclo de manifestações anti-racistas de 2020 que aqui comentamos para apontar o vértice de uma crise global, o desgaste da imagem eurocêntrica, a contestação da memória colonial contada pelo colonizador e o enfrentamento diante de uma cosmovisão europeia que violenta e inferioriza é prioridade no trabalho de Délio.

Do ponto de vista técnico, o trabalho de Délio Jasse está majoritariamente baseado em processos experimentais fotográficos como a cianotipia e o Marrom Van Dyke. Uma das práticas centrais do artista consiste em fotografar imagens encontradas em feiras, arquivos pessoais ou espólios abandonados numa tentativa de contextualizá-las, ressignificando sua história e memória.

O gesto de fotografar a fotografia reveste o trabalho de Délio de um caráter performativo, reinserindo a fotografia como lugar de experimentação, trazendo à tona processos experimentais de criação e impressão de imagem, capazes de reproduzir, do ponto de vista estético, também uma crise na representação.

A escolha de seu trabalho para abrir este dossiê, cujos artigos e ensaios visuais dialogam diretamente com algumas das questões discutidas pelo artista através da imagem, certamente não é fortuita. Seu trabalho pode ser visto como uma alegoria das políticas da imagem no contexto das discussões propostas pelo dossiê.

Por outro lado, um dos grandes desafios do nosso presente passa pelo exercício político e conceitual da academia ultrapassar alguns marcos que configuraram a ciência moderna a partir de elementos baseados na razão iluminista, como a criação de um sujeito universal e a consolidação de um pensamento epistêmico eurocêntrico (QUIJANO, 2005), patriarcal (hooks, 2019) e racializado (GROSFOGUEL, 2016).

Elementos simbólicos e significados absolutos criados pela Matriz Colonial de Poder (MIGNOLO, 2010) resultaram em uma rede de relações sociais marcadas pela dominação, exploração e pelo conflito. Estas, categoricamente reguladas, buscam assegurar a reprodução dos padrões da colonialidade interna do poder, desqualificando corpos e saberes, neutralizando e domesticando formas contestatórias de quaisquer possíveis mudanças na forma de ser e estar no mundo dos sujeitos subalternos.

O *conhecimento situado* (HARAWAY, 1999) e os *estudos pós-coloniais* emergem de uma tentativa de ruptura em contraponto ao que conhecemos desta ciência neutra, objetiva e universal, que oculta a presença onipotente do sujeito normativo masculino branco ocidental.

Na experiência estética, o sentir e o perceber, assim como as formulações do “belo” e do “sublime” fazem parte do projeto moderno-colonial de ser, de ver e de mostrar que toma forma através da criação de estruturas canônicas, genealogias artísticas e taxonomias singulares de catalogação.

Neste contexto, o domínio da visualidade não poderia ser pensado através de uma diversidade que dialogasse com outras éticas, sistemas de valores morais e ideais formais (TLOSTANOVA, 2011). Gómez (2019), ao atribuir ao Renascimento a origem não só da colonialidade do espaço, mas também do tempo, já apresentava esses vínculos quando desvenda a construção de uma exterioridade espacial conjugada a um sujeito impossibilitado de desenvolvimento civilizatório, moral e cultural.

Ao recuperar os mitos e valores clássicos romanos e gregos, a modernidade se localizaria no centro do espaço e no presente do tempo a partir de um cronótopo europeu, atribuindo a este lugar um valor civilizacional moralmente elevado, que universaliza sua experiência estética como única e superior.

Após séculos de colonização territorial, ética, estética, subjetiva e de pensamento, uma opção emerge para além da restrita possibilidade de encaixe na modernidade ocidental eurocêntrica. Ela passa pelo conjunto de práticas anticoloniais em um giro de posição ético-política a partir de uma perspectiva que reconfigura e reorienta a estrutura dos processos sociais, artísticos e comunicativos, em escala local e global, reconhecendo-os como heterogêneos e pluriversais. Passa também por uma espécie de sacudida institucional e não-institucional que provoca uma atitude contínua de transgredir e de se insurgir (WALSH, 2009) contra a colonialidade através de lugares de exterioridade e de construções que subvertem os padrões do poder colonial.

Apesar de não existir um consenso sobre os usos e os significados do termo decolonial - que não é propriamente um conceito, mas uma chave de leitura - poderíamos afirmar tratar-se de uma abordagem e de forma de narrativa que busca propor, a partir de lógicas não-ocidentais de compreensão, outras formas de percepção da experiência e um desejo de desmoronamento de uma política sociocultural de apagamento e de genocídio que aflige mulheres, indígenas, negros, LGBTQI+, entre outros grupos sociais. A chave decolonial não opera simplesmente pela passagem de um momento colonial para um não-colonial, opondo-se às narrativas colonizadoras de poder, nem a partir delas. Um pensamento decolonial é uma resposta epistêmica transmoderna que opera pelo difícil exercício de habitar fronteiras, como sugeriu Mignolo (2015).

Pensamentos e fazeres fronteiriços decoloniais convergem tanto para formas acadêmicas de construção do conhecimento como também para uma movimentação ética e estética no campo de produção das imagens, objeto de nossas reflexões neste dossiê. Embora de forma não exclusiva, vemos na arte formas de produção e de uso da imagem (e também do som, da palavra, do corpo, do tempo e do espaço) que buscam contestar e questionar imaginários, discursos, formas ideais, modos de vida e visões de mundo tecidos pelas narrativas coloniais a partir de novas formas de representatividade e de discursividade.

A compreensão de enunciações ético-políticas no campo da arte que discutem a construção e difusão dos estereótipos do corpo “colonizado”, por exemplo, tem ajudado artistas contemporâneos

a configurar estéticas e modos de re-existências que buscam confrontar significações e imagens de controle (COLLINS, 2002) a partir de outras rotas e horizontes de sentido que tencionam e redefinem violências e territórios de segregação (SODRÉ, 2018).

O presente dossiê busca exatamente contribuir com reflexões a partir e através das imagens, acerca de dinâmicas de opressão e de apagamento, em grande maioria interseccionais. A edição traz uma série de artigos e de ensaios visuais, que abordam diversas práticas narrativas que podem ser consideradas decoloniais na medida em que contribuem para construir e sistematizar um pensamento plural e fronteiriço sobre experiências de corporeidade ancestral, histórica e cultural através do resgate de memórias e de confrontamentos. Esse caminho, como veremos, é reforçado e construído por práticas artísticas e midiáticas, por epistemologias e saberes (e de dentro e fora da arte e da academia) que misturam, reprocessam, regurgitam discursividades e formas (áudio) visuais que permitem repensar as relações entre vida e representação.

Em “Contramapeamento indígena: aproximações entre cartografia crítica e decolonialismo”, Daniel Ribeiro discute as relações de poder presentes nas representações de espaço nos mapas e como estes constituem dispositivos capazes tanto de reiterar as lógicas de dominação coloniais quanto de criar imaginações de espaço que resistem a essas mesmas lógicas.

Cesar Guimarães e Luís Flores lançam um olhar decolonial sobre o cinema documentário através da análise do filme colombiano “A retomada crítica da história indígena em Nuestra voz de tierra, memoria y futuro”, cujo método de produção compartilhado entre realizadores e povos locais vai permitir a desconstrução dos significantes coloniais e a afirmação da imaginação política desses povos.

Andrielle Moura, Denise Carvalho e Juciano Lacerda analisam a naturalização da violência contra diferentes grupos sociais no Brasil a partir do videodocumentário *Roda o Tererê – a erva-mate no Mato Grosso do Sul*, de Lilan Solá Santiago, que conecta a história da produção e do consumo da erva-mate no estado à história de violência contra os Guarani-Kayowá e o apagamento de sua cultura e da memória de suas práticas com a erva.

“O cinema como cosmopoética do pensamento decolonial”, de Catarina Andrade e Álvaro Alves, propõe uma reflexão sobre as contribuições do cinema no campo da educação para imaginar novas realidades e mundos comuns com capacidades singulares de mediação a partir da identificação de experiências de produção em comunidades indígenas e periféricas no Brasil.

Em “Ruínas futuristas do Cinema Contemporâneo Brasileiro”, Ana Carolina de Almeida, aborda o tratamento dado pelo cinema autoral dos anos 2010 a algumas das problemáticas da ocupação espacial nas grandes cidades brasileiras, como a gentrificação e a especulação imobiliária, a partir de cinco filmes que tratam do tema através das leituras temporais não-lineares neles presentes e da figura da ruína.

No campo das imagens fixas, Rafael Castanheira aborda a representação do Outro no contexto de produção do primeiro livro de fotografias de Miguel do Rio Branco, intitulado *Dulce Sudor Amargo*. A discussão sobre a produção de uma visibilidade de corpos de mulheres negras prostitutas levanta questões como os limites e as possibilidades éticas e poéticas dessa representação no fotodocumentarismo.

Adentrando o universo do rap e das performances audioverbovisuais, “Re-existências decoloniais – a potência dos clipes Madume, Boa Esperança e Eminência Parda”, de Denise Figueiredo, examina, com base nas questões da memória, do corpo e da liberdade, as discursividades e os investimentos estéticos das imagens do rapper Emicida e seus modos de endereçamento às feridas coloniais.

“Olhares críticos, estéticas periféricas: a produção de outras margens no cinema brasileiro”, de Fernanda Calvo, discute as contribuições do Cinema Novo na instauração de formas visuais anticolonialistas e suas relações com os gestos críticos de alguns filmes da cinematografia nacional contemporânea que tratam da representação da alteridade.

Kristal Urbano, Mayara Araújo, Daniela Mazur e Afonso Albuquerque discutem, em “K-POP, ativismo de fã e desobediência epistêmica: um olhar decolonial para os ARMYs do BTS”, o engajamento político dos fãs do K-Pop, movimento cultural de música da Coreia do Sul, que atuam em lutas antirracistas em escala global, desafiando o desejo de universalidade do poder ocidental.

Em “Um grito de revolta: notas sobre o discurso midiático afro-pessimista e a narrativa do filme *Death Metal Angola*”, Melina dos Santos, Juremir Machado e Cristiane Gutfreind analisam as representações midiáticas de países africanos a partir das ambiguidades do filme que documenta a cena e a cultura desse subgênero musical angolano.

“#Justiça por Miguel: visualidades resolutivas”, de Marina Feldhues e Julianna Torezani, aborda o evento racial da morte do menino Miguel em julho de 2020, em Recife, e as imagens dos protestos viralizadas no instagram com esta hashtag para discutir o racismo estrutural e a objetificação dos corpos negros.

Além dos artigos, quatro ensaios visuais abordam, de diferentes formas, temas relacionados ao poder das imagens numa chave decolonial e anticolonial. Em “Memórias do microespaço”, Patrícia

Azambuja lança um olhar poético sobre os poderes da imaginação no cotidiano como um exercício de liberdade. “Não posso saltar sobre suas palavras”, de Luciana Oliveira, propõe um jogo entre imagem e palavra para discutir os processos de luta pela terra e de re-existência dos povos Guarani-Kaiowá por meio de ativações poéticas e políticas da memória e dos arquivos. Em “Narrativas visuais como dispositivo de re-existência”, Laíza Ferreira cola e monta digitalmente fragmentos de imagens midiáticas e de arquivo que resultam em possibilidades de recriação de mundos como prática de imaginação política de suas relações com a terra e com a ancestralidade. Finalmente, Daniele Mourão e Márcio Câmara apresentam e discutem a produção do documentário de busca “Do outro lado do Atlântico”, resultante de uma experiência de “encontro etnográfico” que reflete sobre os imaginários visuais de raça e subalternidade.

Fechando o dossiê e fazendo uma espécie de diálogo transversal com os artigos e ensaios visuais, traduzimos especialmente para esta edição “Lendo a arte como confronto”, de Denise Ferreira da Silva, que aborda os desafios de se pensar a criação artística como prática estética e política no interior do contexto institucional da própria arte. Com muita alegria, potência e afeto, desejamos a todos, todas e todes uma boa leitura.

Fernando Gonçalves

Daniel Meirinho

Michelle Sales

REFERÊNCIAS

- COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. Nova York: Routledge, 2002.
- GÓMEZ, Pedro Pablo. Decolonialidade estética: geopolíticas do sentir, do pensar e do fazer. **Revista GEARTE**, v. 6, n. 2, 2019.
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 23-47, 2016.
- HARAWAY, Donna. **La promesa de los monstruos. Una política regeneradora para otros inapropiados/bles**. In *Politica y Sociedad*, n.30, Enero de 1999.
- HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- MIGNOLO, Walter D. Aesthesis decolonial. **CALLE 14: revista de investigación en el campo del arte**, v. 4, n. 4, p. 10-25, 2010.
- _____. **Habitar la frontera. Sentir y pensar la descolonialidad** (Antología, 1999-2004). Barcelona: CIDOB y UACI, 2015.
- QUIJANO, Aníbal (2005). Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina. In **A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais**. Perspectivas Latinamericanas (pp. 117-142), editado por Edgardo Lander. Buenos Aires: CLACSO.
- SODRÉ, Muniz. Uma lógica perversa de lugar. **Revista ECO-Pós**, v. 21, n. 3, p. 9-16, 2018.
- TLOSTANOVA, Madina. La aesthesis trans-moderna en la zona fronteriza eurasiática y el anti-sublime decolonial. **Calle14: revista de investigación en el campo del arte**, v. 5, n. 6, p. 10-31, 2011.
- WALSH, Catherine. **Interculturalidad crítica y pluralismo jurídico**. Seminário Pluralismo Jurídico e Multiculturalismo, Brasília, 13-14 de abril 2010. Disponível em: <http://ccr6.pgr.mpf.gov.br/institucional/eventos/docs_eventos/interculturalidad-critica-y-pluralismo-juridico>. Acesso em: 14 de janeiro de 2021.